



A urgência de dar atenção a relação entre meio ambiente e doenças, o exemplo da Leishmaniose

A leishmaniose, doença que parecia extinta e restrita a zonas rurais, reaparece com força, inclusive em centros urbanos, tornando-se um problema de saúde pública em todo o país. Mais uma doença que nos dá sinal de que a relação entre os problemas ambientais e a saúde precisam ser, cada vez mais, estudadas e cuidadas.

Por Gláucia Pérez

Editora: Susana Dias

O retorno da doença se deve ao processo de urbanização e as alterações que o homem causa no meio ambiente, já afirmava o estudo com a leishmaniose realizado pelo grupo de pesquisas do INCT da área de saúde e mudanças climáticas em 2018, descrito no artigo “Ecological niche modelling and predicted geographic distribution of *Lutzomyia cruzi*, vector of *Leishmania infantum* in South America” (<https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0006684>)

Nesse estudo desenvolveram dois modelos: o modelo *Lutzomyia* (N.) *whitmani* (LWM) e o cutâneo americano, para avaliar a adequação ambiental e a transmissão no Brasil; incluíram regiões com diferenciadas precipitações anuais, temperaturas e densidades de vegetação. Para levantar as estimativas futuras consideraram a ampla extensão geográfica do país e as mudanças climáticas, bem como o processo contínuo de degradação ambiental que contribui para o desenvolvimento e estabelecimento da leishmaniose.

Mais recentemente, ano passado, um novo estudo (<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-comprova-transmissao-de-leishmaniose-visceral-por-novo-vetor>) realizado pela Fiocruz identificou a transmissão da Leishmaniose visceral por um novo vetor, essa informação é relevante para os profissionais de saúde, uma vez que há um outro tipo de vetor capaz de transmitir a doença. Mais uma vez, a limpeza adequada dos ambientes é imprescindível para a prevenção da doença. Informação e modos de prevenção são essenciais para os setores sanitários de saúde e a população.

Tratamento e prevenção: participação da população é fundamental

O mosquito palha é o vetor da leishmaniose mais conhecido. A picada do mosquito palha introduz a doença na circulação do hospedeiro. Há dois tipos de leishmaniose: a visceral, que ataca órgãos como o fígado e baço; e a cutânea, que causa ulcerações na pele. O mesmo mosquito que transmite a doença para o humano também infecta o cachorro, a doença não é transmitida desse para o



humano através do contato, mas pode sim um mosquito infectado que picou o cachorro transmitir para o ser humano. Pesquisadores da USP, em um artigo publicado na revista Scientific Reports, mostram que o desenvolvimento da doença decorre da genética do hospedeiro, mas que alguns infectados se mostram resistentes à doença. Informação essa encontrada na reportagem da Janaína Simões da Agência Fapesp (<https://agencia.fapesp.br/pesquisadores-investigam-fatores-geneticos-de-resistencia-ou-suscetibilidade-a-covid-19/33593/>)

Há estudos <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42536385>> no Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) com o jucá, fruto da região amazônica e conhecido da população ribeirinha, que poderá auxiliar no tratamento da leishmaniose, o fruto está sendo testado através de creme fitoterápico. Mas a prevenção da doença ainda é considerada o melhor remédio para essa doença. Não há como se prevenir da doença se não houver participação ativa da população, tem que haver um diálogo entre o setor público e a população, a resolução do problema tem que ser horizontal. Essa orientação é salientada no artigo da Fiocruz “Debate sobre o artigo de von Zuben & Donalísio” - “Participação da população na prevenção da leishmaniose visceral: como superar as lacunas?” (<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23747>)

Algumas recomendações práticas são: evitar o acúmulo de lixo, principalmente o orgânico. O mosquito palha se adapta a ambientes úmidos e com restos de materiais orgânicos. Além de utilizar repelentes eficazes nos animais, bem como utilizar telas de proteção nas janelas e portas contra o mosquito; o mosquito palha ataca principalmente nas primeiras horas do dia e ao entardecer. Vale ressaltar que ainda não há vacina para a doença, além do tratamento ser longo, complexo e de alto custo, há possibilidades de reincidência da doença, mesmo depois de ter terminado o tratamento. As mesmas medidas de higiene e prevenção são válidas para o novo vetor da *Leishmania infantum chagasi* descoberto pela Fiocruz .

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | [multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações \(CNPq\)](#)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom.



Referências:

<https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0006684>

<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-comprova-transmissao-de-leishmaniose-visceral-por-novo-vetor>

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42536385>

<https://m.youtube.com/watch?v=6u5eIY9rOXs><https://agencia.fapesp.br/fatores-geneticos-que-conferem-resistencia-a-leishmaniose-sao-identificados/33193/>

<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/23747>

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-42536385>

<https://m.youtube.com/watch?v=6u5eIY9rOXs>

Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista *ClimaCom*: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista *ClimaCom*.